

## **Cenário Econômico**

*A Agenda 2012 - Programa de Metas da Cidade de São Paulo, da Gestão Gilberto Kassab para o período de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, tem início em um momento em que se descortina uma grave crise internacional cujo alcance, duração e intensidade não podem ser ainda totalmente dimensionados.*

Nos últimos anos, a PMSP vem empreendendo esforços na direção de uma gestão pautada pela responsabilidade fiscal e geração de recursos capazes de fazer frente à enorme demanda por investimentos. Entre os anos de 2005 e 2008, houve um incremento anual médio nominal de 16% das receitas, o que ocorreu sem a elevação da carga tributária. Os investimentos, no mesmo período, aumentaram 11,5%. Tais percentuais foram obtidos simultaneamente à geração de superávits primários sempre acima da meta estabelecida e do cumprimento de nossas dívidas e obrigações.

Mesmo em um ambiente de crescimento econômico – como ocorreu nos últimos anos -, fixar metas que devem ser atingidas ao longo de quatro anos não é tarefa trivial, visto que essas devem ser pautadas em uma previsão realista dos recursos financeiros. Em um ambiente no qual a visibilidade econômica é praticamente nula, essa tarefa se torna duplamente complexa. Assim, a intenção da PMSP com os cenários aqui apresentados é a de definir alguns parâmetros econômicos que embasam a Agenda 2012.

Desde a eclosão da crise, em setembro de 2008, a velocidade da deterioração da economia mundial só tem aumentado: acentuaram-se as dificuldades do sistema financeiro, mergulhado em um grave problema de solvência, aprofundando cada vez mais a crise de crédito. A economia mundial desacelerou-se de forma aguda e a recessão se generalizou. Estima-se que o PIB mundial tenha declinado 5% no 4º trimestre – uma taxa sem precedentes -, sob o impacto dos países desenvolvidos. A queda foi de cerca de 6% nos EUA e na área do Euro, enquanto no Japão o recuo foi de 13%. A inflação mundial continua a cair rapidamente, refletindo a forte queda da demanda e o recuo de preços das commodities.

A resposta dos países desenvolvidos foi um afrouxamento rápido das políticas monetária e cambial, somado às tentativas de capitalizar os grandes bancos e instituições de crédito. Entretanto, os mercados financeiros continuam sob pressão e o mercado interbancário sob severo estresse em função das preocupações com a solvência do sistema e com a capacidade dos

governos em fazer frente ao volume extraordinário de recursos necessários para fazer drenar o crédito e afastar o risco iminente de quebra de grandes instituições.

Estima-se que o crescimento econômico mundial cairá para 0,5% neste ano e terá uma gradual recuperação em 2010, de acordo com os últimos dados do World Economic Outlook, conforme quadro abaixo. Essa deterioração das condições econômicas globais certamente teve impacto não desprezível sobre o Brasil. O contágio da economia brasileira adveio de vários canais, sendo o mais importante deles, o crédito. Os bancos reagiram à crise cortando o crédito, em função de uma maior seletividade na oferta e também de um movimento inicial de empçoamento de liquidez. Houve também um desaparecimento das linhas de crédito de financiamento ao comércio exterior e também do financiamento externo – fonte de um funding barato às empresas e ao sistema financeiro local.

<b>Projeções Economia Mundial</b>			
	<b>Projeções (variação %)</b>		
	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>PIB Mundial</b>	3,2	-1,0 a -0,5	1,5 a 2,5
<b>Economias Avançadas</b>	0,8	-3,5 a 3,0	0 a 0,5
<b>EUA</b>	1,1	-2,6	0,2
<b>Área do Euro</b>	0,9	-3,2	0,1
<b>Japão</b>	-0,7	-5,8	-0,2
<b>Economias Emergentes</b>	6,1	1,5 a 2,5	3,5 a 4,5

*Fonte: World Economic Outlook - março 2009*

O segundo canal de contágio foi a brutal desaceleração do comércio mundial de mercadorias e serviços. Os dados de comércio mundial disponíveis até novembro de 2008 mostram uma redução de 8% do volume de exportações mundiais e de 16,8% no preço, comparado ao pico alcançado. A queda da corrente de comércio mundial e o choque negativo em nossos termos de troca provocaram forte impacto na balança comercial brasileira. Nos dois primeiros meses do ano, as exportações e importações caíram 26% e 25%, respectivamente e o saldo comercial, 30%. Entre 1999 e 2008, a corrente de comércio do País passou de 16,5% do PIB para 23,6%, o que demonstra a importância tanto das exportações, quanto das importações - que propiciaram uma oportunidade de modernização do parque produtivo, bem como atuaram para manter a inflação mais baixa. A Organização Mundial do Comércio (OMC) prevê para 2009 uma retração do comércio de 9%, o que, caso se confirme, será a maior queda desde a Segunda Guerra Mundial.

Os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) para o município de São

Paulo mostram uma queda de 53% das exportações e de 11% das importações nos dois primeiros meses do ano. O município, altamente industrializado e com as exportações concentradas em bens intermediários (mais de 60% da pauta), como alimentos, bebidas e peças acessórios de equipamentos de transporte, já sente o impacto da crise em suas transações comerciais com o resto do mundo.

A queda forte do PIB no último trimestre de 2008, divulgada pelo IBGE, nos deu a medida da força da crise, mostrando que não estamos blindados. Apesar da taxa de crescimento de 5,1% em 2008, o PIB apresentou retração de 3,6% no último trimestre. Esse número, analisado juntamente com outros dados de atividade, como a produção industrial de janeiro mostram uma piora considerável nas perspectivas de crescimento para 2009. Com os dados do PIB do último trimestre, a herança estatística - o chamado "carry-over" - ficou negativa em 1,5%, ou seja, se não houver crescimento em 2009, o PIB cairá 1,5%. As perspectivas se mostram particularmente ruins para o investimento, o que deverá ser a principal causa para a má performance do PIB em 2009. Afetado pela contração de crédito doméstico, pelo recuo dos financiamentos externos e pela queda do consumo das famílias, os investimentos devem declinar fortemente este ano.

O mercado de trabalho mostrou uma forte deterioração nos últimos meses, como já era esperado, com a taxa de desemprego, medida pelo IBGE, subindo para 8,5% em fevereiro. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostraram queda por três meses consecutivos do saldo de carteiras assinadas. Entre novembro e fevereiro, houve perda de 788,3 mil postos de trabalho no País. Apesar da leve recuperação em fevereiro, com 9.170 vagas com carteira assinada, esse foi o pior resultado para um mês de fevereiro desde 1999. A massa salarial vem se mantendo: entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009 cresceu 18% nas seis principais regiões metropolitanas do País sobre igual período de ano passado, mas é de se esperar que venha a acompanhar a queda do emprego.

A inflação vem convergindo para a meta de 4,5%, favorecida pela queda dos preços das commodities e pela severa restrição de crédito, o que acabou compensando os efeitos da desvalorização cambial sobre os preços no atacado e ao consumidor. Essa dinâmica positiva da inflação e o reconhecimento de que os efeitos contracionistas da crise externa sobre a atividade econômica podem ser mais duradouros do que a princípio se pensava, levaram o Banco Central a reduzir a taxa Selic para 11,25%, iniciando um processo mais agressivo de cortes que, a rigor, já deveria ter ocorrido.

<b>Receita Arrecadada - PMSP</b>			
Em R\$ milhões			
<b>Receita</b>	<b>Jan-Fev/2008</b>	<b>Jan-Fev/2009</b>	<b>Varição %</b>
IPTU	1007,8	987,6	- 2,0
ITBI	97,5	82,3	- 15,6
ISS	964,6	967,8	0,3
Cota parte ICMS	668,6	670,3	0,3
Cota parte IPVA	919,3	967	5,2
<b>Total da Receita</b>	<b>4.776,7</b>	<b>4.556,7</b>	<b>- 4,6</b>

*Valor corrigido em 0,19% - Inflação de março/2008 a fevereiro/2009*  
*Fonte: Secretaria Municipal de Finanças*

A arrecadação tributária da União já mostra os efeitos da desaceleração econômica: no primeiro bimestre deste ano, a arrecadação total caiu 9,11% em termos reais sobre igual período de 2008. As medidas de desoneração acabam afetando Estados e Municípios que já vivem quedas expressivas de arrecadação. O município de São Paulo também atesta em sua arrecadação os efeitos da crise: houve queda real de 4,6% nos dois primeiros meses do ano, com destaque para o ITBI e IPTU, que juntos representaram mais de 35% da receita tributária do município em 2008.

Certamente o Brasil conta hoje com melhores condições para enfrentar a crise. O acúmulo de reservas internacionais nos últimos anos é um fator que nos livra de uma deterioração da dívida pública advinda de uma forte desvalorização cambial. Apesar da concentração de nossas exportações em poucos produtos, temos uma grande diversidade de destinos. O mercado regulado, o alto nível dos compulsórios e a relação crédito/PIB - ainda baixa para os padrões internacionais -, conferem solidez ao sistema bancário nacional. Há também um espaço considerável para a redução dos juros, o que não ocorre em outros países.

É nesse quadro ainda nebuloso que apresentamos dois cenários para os próximos quatro anos: o cenário 1 é aquele que tem a maior probabilidade (75%) e o cenário 2, mais pessimista, para o qual a probabilidade atribuída é de 25%. O cenário 1 pressupõe que a economia global, particularmente a dos EUA, inicie um processo de estabilização no primeiro semestre de 2010. Embora não se descarte novos repiques de pessimismo no curto prazo, acredita-se que o Programa de Fundos de Investimento Público Privado seja capaz de restaurar progressivamente a confiança do sistema e destravar o crédito. No Brasil, o cenário 1 pressupõe uma dinâmica inflacionária benigna, o que abrirá espaço para reduções mais agressivas dos juros. A economia iniciaria um lento processo de recuperação no final do ano, mas o crescimento do PIB ficaria abaixo de 1%.

No cenário 2, a duração da crise se estenderia ao longo de 2010, com crédito e liquidez escassos e um processo de recuperação da economia mundial somente começaria a ocorrer em 2011. Nesse quadro, a recuperação da economia brasileira seria postergada e o PIB poderia ficar negativo em 1,5%.

O grande desafio da Agenda 2012 será assegurar o cumprimento das ações, pavimentando o ciclo virtuoso dos últimos anos que consistiu em gerenciar de forma eficaz os recursos orçamentários e financeiros, mantendo sempre o equilíbrio das contas públicas.

<b>Cenário Econômico - 1</b>					
	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
PIB % real	5,1	0,8	4,2	4,5	4,5
Taxa de desemprego % médio/ano	7,9	9,2	9,0	8,6	8,1
IPCA % anual	5,9	4,2	4,3	4,1	4,0
Taxa Selic % acum. ano	12,5	9,0	8,0	8,5	8,5
Taxa de câmbio (R\$/US\$) final do período	2,4	2,3	2,2	2,1	2,0
Exportações (US\$ bilhões)	197,9	155,0	170,0	186,0	199,0
Importações (US\$ bilhões)	173,2	137,0	150,0	165,0	178,0
Saldo da balança comercial (US\$ bilhões)	24,7	18,0	20,0	21,0	21,0

<b>Cenário Econômico - 2</b>					
	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
PIB % real	5,1	-1,5	1,5	3,5	4,5
Taxa de desemprego % médio/ano	7,9	10,0	9,8	9,0	8,5
IPCA % anual	5,9	3,5	4,0	4,1	4,0
Taxa Selic % acum. ano	12,5	7,5	8,0	8,2	8,5
Taxa de câmbio (R\$/US\$) final do período	2,4	2,5	2,4	2,5	2,6
Exportações (US\$ bilhões)	197,9	135,0	142,0	150,0	165,0
Importações (US\$ bilhões)	173,2	115,0	123,0	135,0	149,0
Saldo da balança comercial (US\$ bilhões)	24,7	20,0	19,0	15,0	16,0

<b>Comparação Cenário 1 PMSP - Sempla x Focus (Banco Central)</b>								
	<b>2009</b>		<b>2010</b>		<b>2011</b>		<b>2012</b>	
	PMSP	FOCUS	PMSP	FOCUS	PMSP	FOCUS	PMSP	FOCUS
PIB % real	0,8	0,0	4,2	3,3	4,5	4,2	4,5	4,3
IPCA % anual	4,2	4,4	4,3	4,4	4,1	4,4	4,0	4,3
Taxa Selic % acum. ano	9,5	10,3	9,0	9,8	8,5	9,8	9,0	9,8
Taxa de câmbio (R\$/US\$) final do período	2,3	2,3	2,2	2,3	2,1	2,3	2,0	2,3
Exportações (US\$ bilhões)	140,0	157,8	148,2	176,0	160,0	191,3	185,0	201,5
Importações (US\$ bilhões)	121,5	143,8	128,4	161,5	141,0	179,5	165,0	189,6
Saldo da balança comercial (US\$ bilhões)	18,5	14,0	19,8	14,5	19,0	11,9	20,0	11,9

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento